

***NHA TERRA, NHA CRETCHEU*^A: A ESCRITA DO E PELO AMOR À TERRA EM MANUEL LOPES**

SUSANA L. M. ANTUNES

UNIVERSITY OF WISCONSIN-MILWAUKEE

Aspirou o ar, impregnado de um cheiro gordo e bom a terra saturada. Sentiu-o penetrar-lhe o sangue como uma comida substancial entrando num estômago faminto. Não havia para ele melhor perfume do que este; o cheiro a suor da terra que penetrava o corpo e o espírito do homem, alimentava-lhe os músculos dos braços e a vontade de viver, e abria-lhe a certeza e um caminho.

Manuel Lopes, *Os Flagelados do Vento Leste*

Resumo: Este ensaio tem como objetivo revisitar dois romances do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes (1907-2005), *Chuva Braba* (1956) e *Os Flagelados do Vento Leste* (1960), apresentando uma perspetiva revitalizada pela relação amorosa, em silêncio, do ser islenho com a Terra. Esta abordagem, permite ampliar e redimensionar as perspetivas dos romances em questão, atribuindo-lhes uma dimensão global que extravasa a ilha de Santo Antão, Cabo Verde. Neste sentido, contextualizam-se igualmente os romances numa perspetiva de anti-colonialidade na conjuntura socio-histórica dominada pela repressão das políticas impostas pelo Estado Novo português.

Palavras-chave: Silêncio, Literatura Cabo-verdiana anti-colonial, Manuel Lopes.

Abstract: This paper aims to reexamine two novels by Cape Verdean writer, Manuel Lopes (1907-2005), *Chuva Braba* (1956) and *Os Flagelados do Vento Leste* (1960). It introduces an approach renewed by the loving relationship, in silence, between the islander and the land. This approach allows to expand and enlarge the perspective on the novels, giving them a global dimension that goes beyond Santo Antão's island, in Cape Verde. In this sense, I also contextualize the novels in an anti-colonial perspective in the social-historical juncture dominated by the repressive policies imposed by the Portuguese New State.

Keywords: Silence, Cape Verdean anticolonial literature, Manuel Lopes.

No presente trabalho, proponho uma revistação aos dois romances do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes (1907-2005), *Chuva Braba* (1956)² e *Os Flagelados do Vento Leste* (1959)³, ambos concentrados na ilha cabo-verdiana de Santo Antão, os quais apresentam uma

¹ Título que remete para uma série de programas emitidos pela RTP desde 2020, os quais abordam a atualidade social e económica de Cabo Verde.

² Editora Ulisseia, 1965. Prémio Fernão Mendes Pinto.

³ Ática, 1979. Romance adaptado ao cinema por António Faria (1995). No ano da sua publicação, 1960, ganhou o Prémio Meio Milénio do Achamento das Ilhas de Cabo Verde. Neste mesmo ano, *O Galo Que Cantou na Baía (e outros contos cabo-verdianos)* foi também galardoado com o Prémio Fernão Mendes Pinto. De referir também

unidade temática subjacente aos valores do homem cabo-verdiano, nomeadamente o ser islenho e a sua relação amorosa, em silêncio, com a Terra. O meu reencontro com os únicos romances escritos por Manuel Lopes pretende evocar uma relação que se traduz em modos de vida que se estranham e se entranham, numa quase perfeita correspondência osmótica entre *estranhamento* e *entranhamento* onde se move a intenção pela busca do silêncio instituído e da sua função. Este silêncio, que tem como parceiro o “diálogo monológico” concebido entre Mané Quim e José da Cruz com a Terra, numa primeira instância, e com a Natureza, num momento subsequente, permite ampliar e redimensionar as perspetivas dos romances em questão, descerrando o espaço físico intrínseco à ilha de Santo Antão a uma realidade global.

O arquipélago de Cabo Verde — composto por dez ilhas vulcânicas, plantadas em pleno Oceano Atlântico e a 640 Km de Dacar, no Senegal, um dos vértices do triângulo por onde se processava o tráfico de escravos entre a Costa da Guiné e o Brasil — faz parte da crista vulcânica do Atlântico e fica em frente ao cabo Verde, na costa ocidental do continente africano, dele distanciando-se cerca de 455 km. A norte, situam-se as ilhas de Barlavento e a Sul as ilhas de Sotavento. Com condições geográficas e climatéricas bastante específicas, as populações do arquipélago são, frequentemente, flageladas pelo vento Harmatão (um vento seco e ardente vindo das areias do Saara a que o povo chama “lestada”) e pelo vento do Nordeste (seco e inimigo da chuva). Junta-se a eles a Monção, carregada de humidade do Atlântico Sul.

Tendo em conta a emergência da literatura cabo-verdiana, é comum considerar-se que o momento mais importante na viragem temática da literatura produzida em Cabo Verde acontece com o lançamento, em 1936, na ilha de São Vicente, mais precisamente na cidade do Mindelo, da revista literária e cultural *Claridade*, que marcou o início do Modernismo cabo-verdiano, tendo sido acionada pelos escritores cabo-verdianos Jorge Barbosa, Baltazar Lopes (que usou o pseudónimo poético de Osvaldo Alcântara) e Manuel Lopes, oriundos, respetivamente das ilhas de Santiago, São Nicolau e São Vicente. A revista, muitas vezes usada como marco para balizar a literatura cabo-verdiana num antes e num depois da sua publicação, tornou-se assim o ponto nevrálgico de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade de Cabo Verde. Esta publicação resultou no Movimento Claridoso que, na sua essência, pretendeu ser um movimento de rutura com os códigos estabelecidos pela metrópole e fundador da Cabo-Verdianidade. Neste caminho, os “Claridosos” pretendiam exprimir a voz coletiva do povo do arquipélago naquilo que ele possuía de mais autêntico, defendendo as suas raízes mais profundas. Surge assim um novo modo de expressão com base no entendimento do cerne do homem cabo-verdiano e da sua personalidade, construído a partir dos elementos étnicos, linguísticos e espaciais que lhe são inerentes. Com o propósito de uma regeneração a partir dos valores e motivações próprios de Cabo Verde, o testemunho vivo do respeito pelos valores cabo-verdianos é fundamentado também pelo destaque que a revista deu à língua crioula que durante anos de colonialismo foi objeto de repressão. Até então, a literatura cabo-verdiana produzida era desprezada quer do meio insular, quer do modo de ser cabo-verdiano, quer do crioulo, unicamente refletindo e reproduzindo o discurso literário português em escritos alheios à realidade insular cabo-verdiana. Como refere Manuel Ferreira, esquecidos da terra e das gentes, a expressão poética traduzia as obsessões clássicas europeias “[...] exercitando-se e exorcizando-se num enunciado uniforme, saturado, estrangulado, em relação à vivência e à dinâmica do universo crioulo” (1989, 151). Num contexto sócio histórico dominado pela repressão das políticas impostas pelo Estado Novo português, registo um acontecimento narrado por Manuel Lopes em entrevista publicada no livro *Vozes da Cultura Cabo-Verdiana — Cabo Verde visto por cabo-*

que a primeira publicação do conto “O Galo que Cantou na Baía...” aconteceu no número dois da revista *Claridade*, em 1936, tendo sido identificado por Russel Hamilton, como o marco do nascimento da narrativa moderna em Cabo Verde.

verdianos, de João Lopes Filho. O acontecimento reporta-se ao ano de 1934, precisamente dois anos antes da publicação do primeiro número de *Clareza*:

De regresso à tipografia dei de cara com o censor que, mal passou os olhos pelas primeiras linhas, devolveu-me, contrariado, o papel dizendo: “Não posso aceitar isto. Quando é que vocês deixam da mania de falar do povo? Vai escrever outra coisa mas não metas o povo aí.” A palavra “povo” era tabu. Havia outras. A palavra “fome”, essa era uma blasfêmia. Morria-se nas estiagens, não de fome, mas de inanição. (1998, 141)

É neste contexto sócio-histórico de um sistema repressivo criado pela máquina fascista portuguesa e, simultaneamente, pela emergência da consciencialização fundamentada no autoconhecimento e no autodescobrimento do ser cabo-verdiano, a qual irrompe num arquipélago entregue a si próprio, que Manuel Lopes desenvolve a sua ideologia e, por conseguinte, a sua escrita.

Romances neorrealistas para alguns críticos, neorrealistas em fase tardia para outros, nesta revisitação dos romances de Manuel Lopes interessa-me, sobretudo, redimensionar e reativar outras vertentes importantes na sua escrita, uma vez que os romances em questão também se destacam pelo tratamento ímpar da luta secular pela sobrevivência do seu povo, em pleno abandono, e cuja lestadada da década de 40, do século passado, Manuel Lopes testemunhou.

Transferido por questões laborais de São Vicente de onde era natural, em 1944, para os Açores, Manuel Lopes, em 28 de março de 1950, no salão do Sporting Club da Horta, na ilha do Faial, Açores, proferiu uma palestra intitulada *Os Meios Pequenos e a Cultura*⁴ que seria publicada, um ano mais tarde, sob a forma de livro. Ao longo das cinquenta e três páginas que compõem este ensaio, Manuel Lopes reflete, entre outros assuntos, acerca do sentir vivo e consistente do espírito de formação do escritor em forma de *ars poetica*. O ensaio, na minha perspetiva, constitui uma espécie de prelúdio dos motivos e formas de escrita que se encontram presentes nos romances em análise. A propósito de livros, (e dos seus livros, acrescentaria eu), transcrevo as palavras vitais de Manuel Lopes:

O livro não é uma presença inanimada. Nem um eco distante e velado atrás de espessa muralha. Mas, sim, uma voz que fala na nossa voz, uma alma que vibra na nossa alma, como o vento nas cordas da harpa. Ficamos trespasados do halo que deles irrompe, porque o nosso ser se desdobra, como uma flor humedecida, ao seu sussurrar confidencial. O livro é, pois, uma poderosa presença humana. Dentro dele o autor palpita, presente e vivo, sempre que abrimos as suas páginas. Devemos tomá-lo, não como a obra do homem, mas como o próprio homem. (1951, 31)

O modelo social e cultural das ilhas de Cabo Verde, juntamente com as características específicas de cada ilha influenciou, de modo significativo, as relações socio-económicas definidas e dependentes do binómio homem-meio. Esta definição e esta dependência determinam, de forma específica e acentuada, o modo de ser, o modo de viver e o modo como o cabo-verdiano se relaciona com o(s) mundo(s) a que pertence — ou não pertence. Ser islenho é ter também a capacidade de amplificar a pequenez espacial que circunda o homem ilhéu, recorrendo ao âmago mais recôndito de si próprio. O homem que vive numa porção de terra no meio do mar terá sempre uma dimensão da vida e do mundo diferente daquele que tem os pés em terra, rodeada por terra. Embalados pelo mar, agarram-se ao seu

⁴ Edição do Autor, 1951.

torrão e desenvolvem, por ele, amores muitas vezes, incompreendidos. As várias lutas que os ilhéus têm de travar para sobreviver e viver situam-se a um nível de transcendência que ultrapassa, por vezes, o domínio do compreensível. Ser ilhéu confere também ao espírito e ao modo de ser um conjunto de especificidades que se imprimem na alma de um povo. Refiro-me aos condicionamentos geográficos de quem é ilhéu e a toda uma série de tensões, de conflitos instaurados que daí advêm: terra-ficar/mar-partir; a evasão; a bipartição constante do sujeito e a inquietação própria de uma alma instável, refletindo o sentir, em reticência, do sujeito em suspensão. A propósito do modo de ser insular, Manuel Lopes afirma que o caso do ilhéu “[...] é particularmente dramático. Um açoriano ilustre, o Prof. Vitorino Nemésio escreveu algures que o verbo «estar» é muito mais verbo para o ilhéu que o verbo «viver»” (Lopes, 1951, 10). Nestas palavras está também subjacente a limitação física que as ilhas, naturalmente, imprimem à vida dos seus habitantes. Mas, esta limitação geográfica também é, naturalmente e por pujança das circunstâncias, uma força de desenvolvimento do capital humano, pois é “[...] ao espírito que iremos buscar a única compensação libertadora para as deficiências e limitações de ordem económica e geográfica” (Lopes, 1951, 16-17). Nesta situação de incompletude, moldada por duas presenças solicitadoras e soberanas, o Mar e a Terra, estão também os açorianos, a insularidade e a *açorianidade* definida, pela primeira vez em 1932, pelo escritor açoriano Vitorino Nemésio, na revista *Insula*:

Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; [...] Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água [...]

Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, [...] Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. (1932, 59)

Desta insularidade germinada também em torno da aceção geográfica, ressaltam outras insularidades que se instalam nos ilhéus num movimento centrípeto — as de cunho histórico, sócio-cultural e espiritual-existencial-vivencial. Assente nesta insularidade, o cabo-verdiano forjou

[...] um espírito estoico, um distanciamento da dor, que é timbre do carácter cabo-verdiano: hábito de sofrer escondido, de empenhar enraizadamente todas as forças numa produtividade que se nega, hábito só abandonado no limite em que se lhe sobrepõe o instinto de sobrevivência que, esse, fará subverter todas as éticas. (Baptista, 1993, 25)

O constrangimento provocado pela natural fronteira imposta pelo Mar vai sublinhar o isolamento e valorizar a Terra que transporta consigo a grandeza de uma componente única, essencial à subsistência e à identidade do cabo-verdiano. E nesta descontinuidade territorial e (in)existencial manifesta-se, estranhamente, em silêncio, uma arrebatada e louca paixão pela Terra, na qual se fundem Mané Quim e José da Cruz numa relação erótica, orgânica e de dependência existencial em estranhas formas de vida.

Atendendo à relação Homem/Terra-Natureza presente nas duas obras, é fundamental abordar alguns conceitos ligados à Ecocrítica que, entre outras noções, analisa a relação entre

o homem e o ambiente natural na literatura, estando, simultaneamente, ligada a outras dimensões da vida social. A ligação dos temas ecológicos ao desenvolvimento da crítica, sobretudo a nível da apropriação do texto literário, pretende, segundo Walter Rojas Pérez,

[...] ofrecer al público lector una visión redimensionada en torno a la forma de abordar la obra literaria [...] para demostrar [...] otra forma de concebir los mismos conflictos, temas o subtemas, pero desde una perspectiva más global, más integradora, es decir, medio ambientalista. (2004, 7)

Ser ecológico é transportar uma atitude que também implica um distanciamento do que existe para sermos capazes de aprender a esperar o que é inesperado. É necessário descer do patamar da subjetividade, onde o homem geralmente se coloca, à humildade da sua condição. Os que descem ao terreno da humildade têm o seu sentimento ecológico estimulado e sacralizado no sossego com que uma planta confia à Terra a sua segurança e a sua identidade. Nestas circunstâncias estão Mané Quim e José da Cruz. Gerados e crentes na pujança da Terra, nela lançam todas as suas esperanças, todas as suas raízes, integrando a Natureza em si. Nesta interação, a Natureza faz parte da habitação do homem cabo-verdiano, como se observa em Mané Quim e José da Cruz.

Para falarmos de Ecocrítica relativamente a um determinado texto, não é estritamente necessário que o autor tenha uma preocupação ambientalista ou esteja empenhado em defender o meio ambiente. A Natureza é um elemento importante para a análise Ecocrítica na medida em que a sua importância se reflete no amadurecimento da espiritualidade e na construção de uma identidade como refere González, no seu trabalho intitulado “Globalización, ecología y literatura”:

La perspectiva ecocrítica, claro, no debe limitarse al análisis obvio de textos que evidencian sin más una temática enraizada en la valoración de la naturaleza; tampoco en la descalificación o censura sin más textos de diversa catadura que excluyan las preocupaciones por el medioambiente. Me parece, en cambio, más razonable y productivo, abordar, desde un enfoque ecocrítico, cualesquiera prácticas textuales, buscando indagar en ellas, la presencia (explícita o implícita) de la naturaleza, en tanto sujeto-objeto en constante dinamismo, y del ser humano en interacción (positiva o negativa) con ella. (2010, 107)

A interação entre o Homem e a Natureza é, no caso destes dois romances, uma interação produzida em silêncio e no silêncio, podendo-se considerar a Terra-Natureza a personagem principal, pois é ela que tudo determina e comanda, num ato de intensificação da impotência humana: “[...] pairava um silêncio de receosa expectativa [...] os homens começaram a isolar-se, a selar a boca, a evitar-se. [...] O silêncio pesava. As vozes calavam-se. A conversa já não interessava (Lopes, 1979, 12). Para Eni Puccinelli Orlandi, o silêncio é “[...] o reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito” (1992, 13). O silêncio, tem assim, um valor fundador no sentido em que oferece ao sujeito a possibilidade de trabalhar a génese do contraditório. Mesmo em silêncio, o ser humano estabelece formas de comunicação e neste sentido o silêncio não é entendido como a faltade, mas como algo necessário à manifestação da outra dimensão do discurso, representando a matéria orgânica da linguagem. Nos romances em questão, o silêncio é o silêncio da disciplina, do respeito, das emoções, da fé, do místico e da introspeção, produzindo personagens com o carácter de Mané Quim (“Depois o silêncio da tarde voltou de novo a envolvê-lo, mas agora um silêncio denso, opaco e sem remédio,” *Chuva Braba* 39), intensificado em José da Cruz (“A luta silenciosa, de vida ou de morte.

Introduzia-se primeiro no entendimento. Depois, entrava no sangue e no peito,” *Os Flagelados do Vento Leste* 95) — personagens singulares e íntegras.

Neste contexto de ligação visceral e real à Terra, os romances de Manuel Lopes, retêm e albergam a luta secular do seu povo pelas diferentes sobrevivências: a física e a anímica. Mané Quim e José da Cruz “fincam os pés na terra” e recusam a evasão no sentido de abandonar a terra com a qual têm uma ligação umbilical. A relação de Mané Quim com o seu “pedacinho”⁵ impede-o de abandonar a terra e de partir com o padrinho, Joquinha, para o Brasil onde uma mão cheia de sonhos e de promessas esperava por ele. Mas, ao mesmo tempo, aquela mão cheia de sonhos e de promessas representava, igualmente, uma mão cheia de nada porque a sua vida estava intrinsecamente ligada à terra e à exploração de uma nascente que teimava em não pingar — o seu verdadeiro mundo. Nos conflitos que viveu, Mané Quim teve momentos em que vacilou, em que sentiu o desassossego bater à porta da sua consciência porque a terra era demasiadamente áspera e seca para se compor uma vida e, pior ainda, teimava em não chover. O arrebatamento que sente nestes momentos acionados pela contradição da necessidade de ter de partir e o desejo ardente de querer ficar para trabalhar um pedacinho de terra santificada por um pequeno regadio, no Ribeirãozinho, juntamente com a paixão por Escolástica que começava a consumi-lo, inundam Mané Quim de uma inquietação, de um desespero que é a imagem do sentir, muito particular, da população das ilhas. Nestes momentos dolorosos que o consumiam, Mané Quim encontrava sempre refúgio nas palavras de homens velhos e sábios que consolidavam o seu desejo de não partir, como as palavras de Nhô Lourencinho:

Quem vai longe não volta mais. O corpo pode um dia voltar, mas a alma, essa não volta mais. É suor do rosto todos os dias, toda a hora, e calos nas mãos, que fazem a alma aguentar aqui. Pensas que a terra dá alguma coisa sem fé? [...] Quem larga a terra perde a alma, fica exactamente cachorro que perdeu o dono, porque o dono é que é a sua alma; repara como cachorro anda quando o dono o abandona; não para aqui nem acolá, sem destino direito. (Lopes, 1965, 90-91)

Nhô Lourencinho, com a firmeza das suas palavras e da sua experiência, tal como Nhô Vidal, encarna a voz do Velho do Restelo, dos que não concordam com a partida dos jovens para terras longínquas, para terras que não lhes pertencem, por uma questão de cobiça. O seu dever é ficar a cuidar do que lhes pertence em vez de abandonarem o que é seu e irem cuidar do que é dos outros. Além disso, “[q]uem vai não volta e se um dia volta é só para vender o que deixou [...]” (Lopes, 1965, 161). Entender a mensagem de Nhô Lourencinho talvez não seja fácil à luz dos nossos dias. Mas é também por palavras como as de Nhô Lourencinho que Manuel Lopes nos deixa envolvidos e penderes num mar de pensamentos e de reflexões que nem sempre são fáceis de conciliar pelo seu carácter existencial, bipartido, não linear e atual.

O mundo de Mané Quim era um mundo simples. Compreendia melhor os bichos e as plantas (“Ah! Uma bananeira parindo! As bananeiras gemem de parto como as mulheres. Soltam gritos de dor também quando deitam filhos ao mundo (Lopes, 1965, 68)”) do que os homens e o Ribeirãozinho, só porque tinha um fiozinho de água a escorrer da rocha, tinha a virtude de lhe deixar o coração e a alma em polvorosa:

Ali moravam as ambições e as esperanças de Mané Quim. Sempre que lá descia — o que sucedia diariamente, pelo menos duas vezes, de manhã e à tarde — corria ao pequeno depósito, meladouro de pé de rocha, para observar o volume

⁵ Referência ao conto “Pedacinho,” de Baltazar Lopes. *Os Trabalhos e os Dias*. ALAC, 1987: 69-71.

de água acumulada. Depois dirigia-se aos pilares, cavava o solo para estudar a altura da humidade e avaliar as necessidades, afagava as plantas, passava os dedos pelas folhas dobradas e sem viço, falava-lhes, procurava incutir-lhes ânimo e confiança como se fossem criaturas desesperançadas e sugestionáveis. [...] As palavras que lhes dirigia serviam também para ele, porque o dia em que lhe faltasse a coragem para lutar entre aqueles pilares, então o mundo poderia acabar. (Lopes, 1965, 28-29)

Mané Quim vivia assente na esperança da chegada da chuva e na esperança de concretizar o seu amor por Escolástica:

Com o seu andar bamboleante, quase espalhafatoso, as ancas dançando à roda da cintura, cintura de pilão, exageradamente estreita mas firme como num torno de batuque, mal parecia pousar os pés no chão tal a ligeireza com que pisava as pedras que atravancavam o caminho. Trazia a saia repuxada e amarrada por baixo da cintura com uma tira de carrapate [...] e a cada salto que ela dava a saia enfunava descobrindo as pernas, estriadas de músculos, até acima dos joelhos. (Lopes, 1965, 31)

Com a chegada do padrinho vindo do Brasil, Mané Quim perdeu a inocência em que vivera até aquela data, tendo despertado nele uma nova consciência. Resistindo à voz que lhe vinha do interior e que o convidava a ficar, Mané Quim foi abrindo a sua alma à possibilidade de partir, como solução para combater a miséria em que vivia. Contudo, acaba por não resistir ao chamamento da Terra, enquanto entidade que contém em si não apenas a componente física da geografia, mas fundamentalmente a componente espiritual e humana encorpada pelas pessoas, pelos costumes, pelas tradições, pelas raízes que, definitivamente, o impedem de partir. Acusado pelo seu padrinho de ter mais amor e vontade do que visão e cérebro, Mané Quim, decide voltar para o seu quinhão de terra, para o Ribeirãozinho, para a mãe viúva há dez anos, para Escolástica e ficar em vez de partir porque, milagrosamente, começa a chover e porque também sabe que as “[...] plantas de regadio pediam afagos de homem, afagos e amor; sem afagos e amor, morriam [...] e, afinal, no fundo de cada homem, há sempre, quando muito, um pedaço de dura vida vivida... [...]” (Lopes, 1965, 29 e 138).

É com a chuva final de *Chuva Braba* que se inicia o romance *Os Flagelados do Vento Leste*, um romance onde o drama da chuva e da seca atinge uma dimensão transcendental, onde a relação do homem com a Terra se intensifica e adquire a sua plenitude; onde ficar, ainda que signifique morrer, é a opção, como retrata o poeta cabo-verdiano, Ovídio Martins (1928-1999), no poema “Flagelados do vento leste”, escrito em 1974, dedicado a Manuel Lopes:

[...]
O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
As cabras ensinaram-nos a comer pedras
para não perecermos
[...]

Morremos e ressuscitamos todos os anos

[...]
Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
E as vozes solidárias que temos sempre
escutado
São apenas
as vozes do mar

que nos salgou o sangue
as vozes do vento
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas
estranha e silenciosamente musicais
Nós somos os flagelados do Vento-Leste! (1989, 227-228)

Manuel Lopes testemunhou a lestada da década de 40, do século passado — a tragédia que terá ficado gravada, para sempre, na alma e no coração dos cabo-verdianos e que serviu de cenário à escrita daquele romance.

José da Cruz, pai de Leandro e marido de Zepa, é um homem sedentário, que não se reconhece a andar de um lado para o outro com a casa às costas. Sedentário por paixão ao seu “pedacinho”, mantém-se fiel à Terra que o criou e que mesmo sendo tão madrasta o ajudou a criar os seus. E é a propósito da vida nómada de seu filho mais velho, Leandro, que José da Cruz se confessa incapaz “[...] de andar pra cá e para lá longe da minha casa. [...] Soltar os pés por esses caminhos de Cristo, à toa, era perder a raiz e a marca do seu destino.” (Lopes, 1979, 135 e 125).

A louca paixão de José da Cruz pela Terra, que poderá simbolizar a Mãe, a Mulher, o(s) amor(es), a segurança, a firmeza, o sustento — valores necessários, de uma ou de outra forma, a todo o ser humano enquanto tal — também poderá ser entendida como algo irracional e fora do âmbito do comum sentir humano. Afinal, foi por esta louca paixão que José da Cruz assistiu à morte dos seus filhos e da sua mulher; foi por esta louca paixão que resistiu em abandonar a sua Terra e acompanhar os demais no êxodo em busca de algum sustento no trabalho do Estado “... a salvação do povo” (Lopes, 1979, 138). Preferiu sacrificar toda a sua família, preferiu ver morrer os seus entes mais queridos a tomar a resolução mais comum, mais prática, mais viável: abandonar a Terra e seguir o caminho dos outros. José da Cruz, decididamente, não cede à agitação das massas que vão no sentido do abandono da Terra. Fica no seu canto, no seu buraco, como um bicho, a congeminar na toca. E, atendo-nos à perspectiva da atitude de um José da Cruz teimoso, orgulhoso, louco até não poder mais, estamos perante a segunda tragédia vivida em *Os Flagelados do Vento Leste*. Enquanto a primeira tragédia foi a provocada pelos desastres naturais, a segunda desgraça está modelada pela miserável morte da sua família, assumida como a consequência de um comportamento irracional e estranho de José da Cruz; tão estranhamente enlouquecido com, na e pela desgraça. Nesta perspectiva, não restam dúvidas de que o comportamento desmesurado de José da Cruz é altamente reprovável. Como pode alguém decidir, inconsequentemente e tão friamente, sobre a vida dos outros? Nesta loucura, José da Cruz, arrastou consigo toda a família para uma morte que nenhum deles queria. É Zepa, sua mulher, quem mais tentativas faz para desenterrar os pés do seu marido daquela terra que, para ela e para muitos outros, não tem mais nada para dar, a não ser a morte:

— Ó Isé vamos embora, ó Isé vamos embora. Compadre diga Isé pra irmos embora. Temos estado a comer raízes do mato. Meninos tão fraquinhos. Tenho medo de ficar aqui. [...]

— Comida é que salva, Isé. Sem comida não há salvação. Deus me perdoe. — Era a mãe de filhos. O grito da mulher-mãe que irrompia do fundo do seu ser.

— Tás perdendo a fé. Tás perdendo a fé. Zepa... (Lopes, 1979, 139-142)

E quando todos fugiam do lugar à procura da sobrevivência, enquanto o êxodo não parava lá fora, José da Cruz simplesmente assiste a esta movimentação, refugiando-se cada vez mais em si, na sua solidão, no seu silêncio:

— Deus na vossa companhia. Eu vou ficando. — Com renovada fúria descia ao melador [...] Enquanto batia com o bico da ferramenta contra a rocha viva, não ouvia os queixumes do mundo.

Voltava consolado para casa. Mas chegado ali, o zunzum de vozes vindos do caminho batia-lhe nos ouvidos, excitava-o, tornava-o colérico; punha-se a passear no terreiro, entrava para casa, deixava-se cair num mocho, trêmulo e tomado de remorsos. (Lopes, 1979, 138-139. Sublinhado da minha responsabilidade)

Tomado de remorsos porque José da Cruz também está inserido numa sociedade que, entre outras funções, tem o poder de julgar o Outro. E os seus remorsos sentidos, por momentos, têm origem nessa condição de homem social, de homem inserido numa cultura. Mas, mesmo assim, não é o caminho dos outros que ele elege. José da Cruz encarna o homem que não se deixa dominar por aquilo a que Maurice Halbwachs classifica como a “...trama da vida coletiva” (1990, 90). A memória étnica, aquela que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas, não é um fator de inteligência, mas sim a base sobre a qual se regista o encadeamento dos atos de uma sociedade. O poder deste tipo de memória é conduzido e assegurado pelas diferentes forças sociais em que determinada sociedade está inserida (Le Goff, 1991, 131-183). Neste contexto, José da Cruz não deixa de seguir as suas direções e os seus valores. Resistindo ao coletivo, dotado como que de um pensamento selvagem, vai-se retraindo como a semente dentro da terra quando está frio, vai-se retraindo na sua concha e o seu lugar na sociedade da ilha de Santo Antão também se começa a perder. A ilha de Santo Antão representa também um terreno movediço, onde os homens se sentem perdidos, onde não existe um ponto de apoio, onde falta a “tábua de salvação.” Perante este cenário, José da Cruz fecha-se no quadro que construiu e acentua a sua relação muito particular que criou com o lugar, como afirma Yi-Fu Tuan: “Estar arraigado a um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um ‘sentido de lugar,’” (1983, 219), acrescentado que as pessoas podem conhecer e experienciar os lugares de duas formas: de uma forma direta e íntima ou de uma forma indireta e conceitual, isto é, através de símbolos (1983, 198-205). O conhecimento do lugar de José da Cruz é um conhecimento direto e íntimo que vai também ao encontro da ideia de privacidade, de um lugar reservado à paixão que José da Cruz desenvolve como uma força mental e não como uma fraqueza. Arriscar a vida, enfrentando e (re)enfrentando os perigos é mover-se pela paixão - o âmago de algo grande que se gera. A paixão pela Terra movida por uma Fé inabalável é, nesta personagem, a sua estranha forma de vida e o seu impulso para a vida:

[...] todo iluminado [pela Lua e] duro como uma rocha, [...] parecia não perceber a desolação e o Inverno à sua volta. A tarde caía. Diante dele, no extremo da linha do mar, o Sol parecia uma enorme laranja tombada de podre, mergulhando num charco. As nuvens no horizonte ardiam como braseiro dum rescaldo. [...] Ela [Zepa, sua mulher] acreditava ainda em que a salvação viria daquele homem. (Lopes, 1979, 69 e 148)

A paixão, na conceção de Gerard Lebrun (1987), é uma propensão forte, de longa duração que domina a vida mental. Perante tal domínio, a paixão é o cerne de algo grande que se gera; o grande é sempre movido por uma grande paixão. Sendo assim, a paixão não permanece só na esfera do desvario momentâneo, de algo “passional” que conduz as atitudes

de uma forma passageira, breve, transitória. A paixão também é o que lavra uma feição à nossa forma de estar no mundo, à nossa (estranha) forma de ser. Ela constitui-se na personalidade humana e impõe-se como uma unidade em todas as condutas. Analisada sob esta perspectiva, a paixão de José da Cruz revela-se mais nítida, mais capacitada para satisfazer as precisões da nossa sociedade. A paixão pela Terra é, nesta personagem, a sua estranha forma de vida e, simultaneamente, o seu impulso para a vida.

Esta Fé de José da Cruz enforma-se numa confiança e numa esperança na água que há-de vir, por isso aceita todos os sacrifícios de forma natural e firme numa atitude de resistência aos momentos mais amargos da vida. Esta mensagem de resistência resulta da sua profunda ligação e da sua identificação com a Terra que, só em circunstâncias extremas das quais falarei um pouco mais adiante, leva à evasão.

Neste espaço Terra onde tudo acontece, José da Cruz luta contra tudo, contra todos e contra si próprio para não partir. O magnetismo da Terra que o sorve e arrasta continuamente impele-o a tentar readaptar-se, sempre, ao seu lugar. Existe como que um compromisso de felicidade atizado a uma entrega que inflama e consome. É sem dúvida uma estranha forma de vida, uma estranha religiosidade que não permite que José da Cruz vire as costas às contrariedades, opondo-se à resignação e ao desalento, lutando até ao sangrar da sua alma. A enorme Fé de José da Cruz é uma Fé na Terra, o seu Deus; é uma Fé que sacraliza a Terra e a Natureza e que só é possível porque não se projeta no imaginário nem no inacessível; antes pelo contrário, projeta-se no real, no mundo do possível, ali mesmo na Terra que os seus pés tocam. Neste sentido, a Fé de José da Cruz pode ser interpretada como uma forma de luta e de evolução e não como uma forma de loucura ou de egoísmo. José da Cruz é um lutador, um homem de uma força de espírito de exceção pronto para o combate. Mas Manuel Lopes não coloca esta personagem num pedestal, nem lhe reserva um lugar de exceção; antes pelo contrário, reserva-lhe um lugar nivelado com o do comum dos mortais. Paixão, remorsos, intranquilidades, dúvidas, fé desmedida, dilemas experimentados pelo ser humano, tudo vivido igualmente por José da Cruz humano, tão miseravelmente humano: “Fiz bem o que fiz? Que devo fazer agora para, sem sair fora do caminho traçado pelo Destino, fazer o melhor que devo fazer?” (Lopes, 1979, 133).

Assistindo à morte miserável dos seus filhos e de sua mulher Zepa, sem vizinhos porque morreram ou porque abandonaram o local, José da Cruz, em condições sobre-humanas decide, quando sabe que não aguentará o suplício da caminhada, dirigir-se para o presumível *caminho da salvação física*. É o único que vive na Terra até às últimas consequências. Nada mais lhe resta.

Arrastou-se de novo para a sombra do tamarindeiro. Apoiou-se ao tronco da árvore. De repente, um grande silêncio abriu as goelas à volta. [...] José da Cruz abraçou-se ao tronco da árvore. Uma grande nuvem negra abafou o Sol. As montanhas, de repente, desabaram. Todas as luzes se apagaram e as trevas envolveram a Ilha. E quando a árvore tombou e o tronco se desfez na escuridão, José da Cruz caiu desamparado... (Lopes, 1979, 232-233)

Ironicamente, José da Cruz ama aquilo que o mata: morre abraçado a uma árvore que também tomba por terra. Da Terra são e à Terra regressam. A Terra, a sua moradia eterna, o seu (des)amparo final.

Em Cabo Verde e, no caso particular deste romance, na ilha de Santo Antão, a Natureza desestabiliza o sossego e imprime uma série de interferências que perturbam o equilíbrio da população. Mesmo assim, os flagelados conseguem ser

[...] o povo [que] aprendeu a esvaziar até à última gota a taça da felicidade, quando de raro em raro se lhe oferece, e entrega-se todo a ela com a mesma

desenvoltura do soldado que sabe escolher a hora propícia para um sono tranquilo, um sono apenas povoado de sonhos de esperança e generosidade, entre duas batalhas sangrentas. (Lopes, 1979, 10)

Ao longo do romance são muitas as intertextualidades bíblicas, desde o “Gênesis,” passando pelo “Êxodo,” até à *Via Crucis* simbolizada por José da Cruz que, tal como Jesus Cristo, carrega consigo a cruz do povo de Santo Antão, a cruz do povo de Cabo Verde e a cruz da Humanidade. Neste sentido, gostaria de referir, ainda que de forma muito breve, alguns aspetos relacionados com a personagem bíblica Job, do “Livro de Job”, do *Antigo Testamento* e José da Cruz. As duas personagens instalam o tema da dignidade e da integridade humana, da defesa dos valores ético e morais, assim como o tema da relação entre o homem e Deus, para Job, e entre o homem e a Natureza, para José da Cruz. Tal como José da Cruz, Job experiencia a manifestação de Deus enquanto homem desprovido de tudo. Esta perspetiva encontra reflexo na abordagem que a Ecocrítica permite elaborar a propósito do distanciamento necessário ao homem para se afastar do que existe, aprendendo a esperar o inesperado. Neste distanciamento está implícita a condição necessária para o homem esquecer o patamar da sua subjetividade e colocar-se no degrau da sua condição de humilde. Os que descem a este terreno como Job e José da Cruz estão aptos a concretizar essa experiência espiritual, capacitando-os de nomear a presença do seu Deus e da sua ação na terra. Nesta introspeção filosófica, estabelecem a sua relação com a santidade de forma intensa e distintiva, assimilando e interiorizando a sua espiritualidade. No entanto, estes dois homens, apesar destes pontos em comum, apresentam atitudes distintas no final das suas narrativas. Enquanto José da Cruz entranha a sua religiosidade com a Natureza de uma forma que podemos estranhar, Job, apesar de temer a Deus, decide confrontá-lo e fazer-lhe perguntas, afirmando no final: “Com os ouvidos eu ouvira falar de ti; mas agora te veem os meus olhos” (“O livro de Job” 42:5), transformando-se a vida de Job no lugar de eleição para a manifestação divina. Possivelmente, o confronto que Job estabelece com Deus é uma reação mais acessível à compreensão do ser humano; enquanto José da Cruz morre, simplesmente, abraçado ao tamarindeiro.

Os Flagelados do Vento Leste, um romance de cariz filosófico e universal pelas tensões que produz ao longo das suas páginas, redimensiona, geográfica e espiritualmente, os múltiplos espaços a que o Homem cabo-verdiano está confinado. Trata-se de um romance que faz o elogio da vida perante o nada, onde a única coisa certa é o destino que nem sequer é comandado pelos homens, mas sim pela Natureza que, não se constituindo como um simples referencial, desloca as personagens e ordena todos os acontecimentos a um ritmo muito próprio e até invulgar. A Natureza, à qual também pode ser atribuído o estatuto de personagem principal, tal como Juno, apresenta a sua dupla face – a vida e a morte. É n’*Os Flagelados do Vento Leste* que Manuel Lopes desenvolve o intenso cenário de desolação, o qual promove o desespero e a degradação humana experienciada. Neste sentido, recorro novamente à palestra proferida no Faial, em 1950, a propósito da importância da experiência humana, do conhecimento e do sentir gravados nos livros. E porque na minha perspetiva os romances aqui apresentados assentam nesses pressupostos, encontro justificação nas suas palavras quando, no início do presente trabalho, referi que Manuel Lopes naquela palestra apresentou, também, laivos da sua *ars poetica*:

As melhores páginas impressas são as experiências daqueles poucos homens que viveram a vida mais intensamente que o homem comum, que a sentiram e meditaram com mais penetração, e se consumiram para nos trazer a mais íntima ressonância das suas horas mais altamente vividas. Através dessas experiências sentimos o homem servindo a vida, sentimo-lo ardendo e consumindo-se como uma chama. (1951, 31)

José da Cruz, “consumindo-se como uma chama” é a expiração do rastilho existencial inaugurado por Mané Quim, em *Chuva Braba*. Com esta alusão, pretendo referir a evolução destes homens telúricos que optam por ficar em terra e que vão ao encontro do sentido de gradação desde *Chuva Braba* até *Os Flagelados do Vento Leste*. Mané Quim como tentei demonstrar é uma personagem que nutre, tal como José da Cruz, um amor pela sua terra, em silêncio. Ambos anseiam por chuva, ambos vigiam os meladouros numa esperança infundável de que se encham de água para naquela terra conseguirem (re)fazer as suas vidas. A evolução destas duas personagens está no fato de Mané Quim, ainda que desordenado pelos acontecimentos, equacionar a hipótese de viajar para o Brasil em busca de uma vida melhor. No entanto, a opção por ficar, como já tive oportunidade de referir, movimentou Mané Quim para outra dimensão que encontra amplitude na personagem José da Cruz. De facto, em José da Cruz, assistimos a uma evolução da espiritualidade de Mané Quim, retratada num homem mais velho, mais teimoso para uns, mais louco para outros, mas sempre renitente em partir, ainda que, como também já referi, se tenha questionado, por vezes, acerca da correção ou não das atitudes que ia tomando. Desta forma, poder-se-á dizer que a personagem Mané Quim sofreu uma evolução, progredindo em direção aos valores que enformam, na sua plenitude, José da Cruz. A evolução destas duas personagens também é acompanhada por uma gradação da tragédia que se vive, em pleno, no romance *Os Flagelados do Vento Leste*. Enquanto no romance *Chuva Braba* está presente a constatação do problema da seca, quando o romance termina com a vinda da chuva, desenha-se um final feliz, um final de esperança para Mané Quim e tudo o que ele personifica: a população do arquipélago. Já n’ *Os Flagelados do Vento Leste*, Manuel Lopes apresenta um final inquieto e desconcertante porque, exatamente ao contrário de *Chuva Braba*, o romance não se fecha, unindo as pontas do círculo. Com as mortes desiguais de José da Cruz e de seu filho Leandro, fica Libânia, a companheira de Leandro, grávida. O romance termina com a visita agoirenta de duas canhotas, abrindo caminho para algumas interpretações: tudo ficará na mesma ou a criança que nascerá trará consigo uma nova esperança?

As duas canhotas que se tinham afastado com a presença da rapariga e do rapaz [o novo companheiro de Libânia], retomaram o seu voo circular à roda do penhasco. Uma delas aproximou-se tanto que Libânia ouviu o ruído das asas rasgando o vento no momento em que a sombra agoirenta lhe batia na cara. Desprendeu-se desabridamente dos braços do rapaz, agarrou um calhau e jogou-o, num grito de raiva e ódio, para o alto:

— Vai agoirar a tua mãe, desgraçado! (Lopes, 1979, 267)

A interseção e a circularidade de algumas personagens como constituintes de aspetos estruturais da escrita de Manuel Lopes merecem, igualmente, alguma referência. Miguel, personagem do conto “O Galo Que Cantou na Baía...,” desta vez em terra firme, vai procurar a professora que tinha conhecido na viagem feita no *Grinalda* para São Vicente e encontra-a em *Os Flagelados do Vento Leste*. O mesmo Miguel que em *Chuva Braba* pode ser visto como aquele que veste a pele de Joquinha, o brasileiro e padrinho de Mané Quim. Nhô Lourencinho e Nhô Vidal simbolizam nos dois romances o valor da ancestralidade, da experiência e do ser cabo-verdiano. E para terminar este apontamento, recordo a mãe de Escolástica de *Chuva Braba* que reaparece em *Os Flagelados do Vento Leste* muito mais agreste e na pele de uma mulher que todos temiam e evitavam: a viúva Aninhas da Assomada. Esta movimentação de algumas personagens também é significativa no estímulo que provoca a participação ativa do leitor que é chamado, constantemente, a cooperar, recorrendo à sua memória.

Nos dois romances analisados, se por um lado, Manuel Lopes retrata as carências dos cabo-verdianos, denunciando o poder colonial, por outro lado, dignifica o povo, a sua língua,

os seus costumes e as suas tradições, colocando ao serviço dos seus propósitos uma escrita musical conseguida através de uma linguagem poética imbuída da presença do crioulo, da cabo-verdianidade, assente em aforismos, provérbios e máximas, cristalizando o saber empírico e os valores da cultura popular, respeitando a ancestralidade. Os romances de Manuel Lopes revelam também o itinerário empenhado na representação compreensiva da vida que manuseia o Homem desde a sua específica realidade geográfica, climatológica, social e cultural, até ao Homem em toda a sua humanidade:

A arte, por exemplo, não é só a expressão, o que produz o esteta frio, distante e inacessível, — é, sobretudo o que salta faiscante do fogo da vida, da luta, dos desesperos e dessas verdadeiras horas de humanas alegrias. É o que tem sangue porque ao mesmo tempo é vida e vive. Os mais profundos e autênticos impulsos criadores provêm da dôr e do inconformismo, do ódio, do amor e da revolta, em suma, da compreensão, que é o produto das mais duras experiências... (Lopes, 1951, 16)

A propósito da sua produção literária que se multiplica em poesia, ficção e ensaio, João Lopes Filho questionou Manuel Lopes acerca de qual das três áreas consideraria mais importante. A sua resposta merece registo:

São todas apaixonantes. Refiro-me ao acto da escrita, da realização. Eu misturo as modalidades. Formam um contexto; os textos ardem no tempo próprio e à mesma temperatura. [...] É a tal alquimia. Isto até pode resultar eu ser técnico de nada... Não é a obra que é apaixonante. É o transpor na perfeição o que sentimos, o que pensamos. É o momento que se torna empolgante. Até a insatisfação é apaixonante, porque é uma fonte de surpresas. Cada uma dessas modalidades tem um momento alto em que todas se encontram. Isto é, para mim, tão apaixonante que me não permite a dissociação... (1998, 148-149)

Cabo Verde é, geralmente, notado como uma colónia que não sofreu o impacto do colonialismo português de modo tão drástico quanto as restantes colónias de então, em parte, devido também à sua dispersão geográfica. A multiplicação territorial no Oceano Atlântico e a distância da metrópole acabaram por alinhar algumas condições fundamentais para o aparecimento prematuro da literatura cabo-verdiana relativamente aos outros países colonizados. De entre estas condições, destaca-se o facto de os centros de administração e de controlo estarem, desde muito cedo, nas mãos de uma burguesia nascida no arquipélago e, maioritariamente, formada por mestiços. Esta transição de estatutos deveu-se também à incapacidade do colonizador se adaptar às difíceis condições de vida no arquipélago. Acresce a este facto que Cabo Verde não era uma terra produtora de riqueza e os lucros a retirar daquelas terras inóspitas não satisfaziam o colonizador que, pouco a pouco, foi abandonando o arquipélago porque, economicamente, as ilhas não seduziam.

Rolava o ano de 1940. Jorge de Sena, na ilha de São Vicente, no momento de entrar no navio que o conduziria a S. Tomé e Príncipe, é abordado na cidade do Mindelo, no Porto Grande, por uma mulher cabo-verdiana. O que se passou a seguir foi transcrito por Sena: uma realidade retratada num curto e intenso momento:

Adeus... No cais, no último dia, crioula e flébil, com a criança ao colo, cujos cabelos louros brilhavam de um leve navio que viera do Norte, ela dizia-me: — Mas leva, leva... — e estendia-me aqueles olhos azuis num corpinho esfarrapado e escuro. Eu perguntei: — Mas tu dás-me o teu filho? (como podia eu levá-lo, que

loucura a dela). E ela respondeu-me: — Leva... se ele fica, morre de fome. (Sena, 1984, 104)

Em 1964, Manuel Lopes retratava em densa miniatura

o Crioulo
Há em ti a chama que arde com inquietação
E o lume íntimo, escondido, dos restolhos,
— que é o calor que tem mais duração.
A terra onde nasceste deu-te a coragem e a resignação.
Deu-te a fome nas estiagens dolorosas.
Deu-te a dor para que nela
Sofrendo, fosses mais humano.
Deu-te a provar da sua taça o agri-doce da compreensão,
E a humildade que nasce do desengano...
E deu-te esta esperança desenganada
Em cada um dos dias que virão
E esta alegria guardada
Para a manhã esperada em vão... (1964, 55)

Obras Citadas

- Baptista, Maria Luísa. *Vertentes da Insularidade na Novelística de Manuel Lopes*. Edições Afrontamento, 1993.
- Bíblia Sagrada—Velho Testamento*. “O livro de Job”. Disponível em: <<http://www.caminhodigital.net/2013/05/baixar-biblia-sagrada-velho-novo-testamento-pdf-gratis.html#>> [Acessado em março de 2020].
- Bora, Zélia Monteiro; Bora, Sarita Monteiro; Lopes, Aldemir Delfino (orgs.). *As Linguagens da Natureza e suas Representações*. Anais - I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica. UFPB, 2012.
- Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Teorema, 1994, pp. 88-92.
- D’Ors, Pablo. *La Biografía del Silencio. Breve Ensayo Sobre Meditación*. Ediciones Siruela, 2012.
- Ferreira, Manuel. *O Discurso no Percorso Africano I*. Plátano Editora, 1989.
- Filho, João Lopes. *Vozes da Cultura Cabo-Verdiana — Cabo Verde visto por cabo-verdianos*. Ulmeiro, 1998.
- Glotfelty, Cheryll; Fromm, Harold. “Nature and Silence.” *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. University of Georgia Press, 1996.
- González, M. O. “Globalización, ecología y literatura.” *Kipus — Revista Andina de Letras*, no. 27, 2010, pp. 97-109.
- Halbwachs, Maurice. “A Memória Coletiva e o Tempo.” *A Memória Coletiva*. Edições Vértice, 1990, pp. 90-130.
- Hamilton, Russel G. “Cabo Verde.” *Literatura Africana, Literatura Necessária II*. Edições 70, 1983, pp. 91-212.
- Kebe, Ameth. “Processus d’Identification et Phénomène d’Aliénation dans *Chuva Braba* de Manuel dos Santos Lopes.” *Les littératures africaines de langue portugaise*, edited by Jean-Michel Massa et al. Fondation Calouste Gulbenkian, 1985, pp. 251-255.

- Lebrun, Gerard. "O conceito de Paixão." *Os sentidos da Paixão*, edited by Sérgio Cardoso et al, Companhia das Letras, 1987, pp. 17-33.
- Le Goff, Jacques. "Memoria." *El Orden de la Memoria. El Tiempo Como Imaginario*. Paidós, 1991, pp. 131-183.
- Lopes, Manuel. *Os Meios Pequenos e a Cultura*. Edição do Autor, 1951.
- . *O Galo que Cantou na Baía... (e outros contos cabo-verdianos)*. Orion Editora, 1959.
- . *Crioulo e Outros Poemas*. S/e, 1964.
- . *Chuva Braba*. Editora Ulisseia, 1965.
- . *Os Flagelados do Vento Leste*. Ática, 1979.
- Lopes, Óscar. "Prefácio." *Os Flagelados do Vento Leste*. Manuel Lopes. Edições 70, 1972.
- Cristóvão, Fernando et al (coords.). *Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas*. Cosmos, 1977.
- Margarido, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa. A Regra do Jogo*, 1980.
- Mariano, Gabriel. *Cultura Caboverdiana: ensaios*. Vega, 1991.
- Martins, Ovídio. "Flagelados do Vento Leste." *50 Poemas Africanos*, edited by Manuel Ferreira, Plátano, 1989, pp. 227-228.
- Nemésio, Vitorino. "Açorianidade," *Insula*, no. 7-8, 1932, p. 59.
- Orlandi, Eni Puccinelli *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Editora Unicamp, 1992.
- Pérez, Walter Rojas. *Ecocrítica Hoy*. Aire Moderno, 2004.
- Rivas, Pierre. "Insularité et déracinement dans la poésie capverdienne." *Les littératures africaines de langue portugaise*, edited by Jean-Michel Massa et al, Fondation Calouste Gulbenkian, 1985, pp. 291-294.
- Sena, Jorge de. "Duas Medalhas Imperiais Com Atlântico." *Antigas e Novas Andanças do Demónio*. Edições 70, 1984, pp. 101-113.
- Soares, Maria Angélica et al. *Ecologia e Literatura*. Tempo Brasileiro, 1992.
- Tuan, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a Perspetiva da Experiência*. Difel. 1983.